

EUA mudam de tática contra o Irã

Em medida inédita, Washington aplica sanções a oficiais acusados de violar direitos humanos

Depois das sanções econômicas decretadas devido ao avanço do programa nuclear do Irã, os Estados Unidos decidiram punir a república islâmica por violações dos direitos humanos durante os violentos choques entre milícias pró-governo e opositores que se seguiram à reeleição do presidente Mahmoud Ahmadinejad, em junho de 2009, quando estima-se que pelo menos 150 pessoas tenham morrido e mais de 500 sido presas. A medida, até então inédita, atinge oito altos funcionários do governo iraniano entre ministros e generais que terão bloqueados quaisquer bens que tenham nos EUA, além de serem proibidos de fazer negócios com americanos e terem negados vistos de entrada no país.

As sanções foram autorizadas por um decreto executivo assinado na terça-feira pelo presidente americano, Barack Obama, e confirmado ontem pela secretária de Estado, Hillary Clinton, e pelo secretário do Tesouro, Timothy Geithner. Segundo a Casa Branca, a lista de nomes sujeitos a punições "vai continuar crescendo baseada nos eventos no Irã, e à medida que se tenha acesso a informações e evidências adicionais".

Entre os oito punidos está Mohammad Ali Jafari, comandante das Guardas Revolucionárias do Irã, que teria liderado as forças que reprimiram os protestos da oposição. A relação inclui Qolam Hossein Mohseni-Ejei, atual Procurador-Geral do Irã e ministro de Inteligência na época, Said Mortazavi, ex-procurador-geral de Teerã, e Heydar Moslehi, ministro da Inteligência desde agosto de 2009.

Imprensa americana questiona atraso

À lista negra foi incorporado ainda o ministro da Segurança Social, Sadeq Mahsouli, então à frente da pasta do Interior tendo autoridade sobre as forças de segurança. Outros marcados pelos EUA são Mostafa Mohammad Najjar, vice-comandante das Forças Armadas, Ahmad-Reza Radan, vice-diretor da Polícia Nacional e Hossein Taeb, vice-comandante de Inteligência das Guardas Revolucionárias.

A secretária de Estado Hillary Clinton justificou as sanções, alegando que as medidas são uma declaração dos valores americanos.

Falamos por aqueles que não conseguem falar por si por temer violência contra si e suas famílias. Sob o olhar desses funcionários ou sob seu comando, cidadãos iranianos foram arbitrariamente espancados, torturados, estuprados, chantageados e assassinados — afirmou a secretária.

Diante do clima de campanha e da crescente expectativa americana pelas eleições legislativas de novembro em Washington, a mudança de tática da Casa Branca alçando a atraente temática dos direitos humanos como mola propulsora de novas sanções fez repórteres questionarem o motivo da punição mais de um ano depois dos protestos que chacoalharam a capital iraniana.

Hillary justificou a demora baseada na legislação.

Sempre condenamos as violações dos direitos humanos. Hoje estamos avançando nas críticas ao governo, estamos marcando os responsáveis dentro desse governo, que podem ser rastreadas por abusos — afirmou, citando a legislação recém aprovada pelo Congresso, que permitiu sanções unilaterais ao Irã, como facilitadora das investigações financeiras dos oficiais punidos.

Antes de deixar Nova York, onde participou da Assembleia Geral da ONU, o ministro das Relações Exteriores do Irã, Manouchehr Mottaki, alfinetou o presidente Barack Obama, afirmando que "alguns políticos americanos aconselharam o presidente a demonstrar ações duras contra o Irã até as eleições parlamentares de novembro".

O presidente iraniano, Mahmoud Ahmadinejad, também deixou os EUA em tom crítico, falando da “guerra travada contra a imprensa”.

Essas entrevistas foram verdadeiras batalhas, uma guerra, apesar de dizerem que existe liberdade de imprensa, na verdade eles trabalham em favor dos responsáveis americanos — afirmou ele, à Press TV.

Vírus atrapalha projeto nuclear

Apesar das hostilidades, a chanceler da União Europeia, Catherine Ashton, afirmou ontem que Teerã voltará a negociar a questão nuclear com o chamado P5+1 “dentro de algumas semanas”.

Ahmadinejad, no entanto, que insiste em minimizar os já aparentes efeitos das sanções na economia sofreu um revés estratégico: foi forçado a adiar a inauguração da usina nuclear de Busherh, a primeira do país.

O atraso se deve a uma pane no sistema de computação geral iraniano, afetado por um vírus. O ministro de Telecomunicações iraniano, Reza Taghipour, negou que dados importantes tenham sido afetados, mas culpou EUA e Israel pela ofensiva virtual.

Os EUA e outros inimigos que sofreram pelo discurso justo do presidente iraniano na ONU querem uma cyberguerra com o Irã — denunciou o ministro à estatal agência Irna.

Teerã desafia, Ocidente pune

Violações de destaque

HOSSEIN DERAKHSHAN: O popular Hoder, jornalista e blogueiro precursor da blogosfera iraniana, está preso há dois anos foi condenado a 19 por eles com países inimigos e propaganda antirreligiosa e antigoverno.

SAKINEH ASHTIANI: Desde 2006 no corredor da morte na cadeia de Tabriz, a mulher, condenada por adultério e pelo suposto assassinato do marido, aguarda uma decisão sobre sua sentença sob protestos internacionais.

JAFAR PAHANI: Depois de criticar publicamente o regime, o cineasta passou cerca de quatro meses detido. A pressão internacional parece ter surtido efeito, mas, mesmo solto, Pahani ainda tem suas liberdades violadas: no mês passado, foi impedido de deixar o Irã para participar do Festival de Veneza.

NEDA SOLTAN: As imagens da morte da estudante, de 26 anos, baleada por milícias Basijj nos confrontos pó seleitorais em Teerã, tornou-se símbolo da luta da oposição, da violência opressiva e da violação dos direitos civis.

Repressão política

ELEIÇÕES: Denúncias de fraudes no pleito que reelegeu Mahmoud Ahmadinejad levaram milhares às ruas em protestos reprimidos com violência. Estima-se que o número de presos nas manifestações ultrapasse os 500, e ONGs internacionais não têm meios de checar relatos de prisões aleatórias, julgamentos ilegais e tortura nas cadeias.

MIR HOSSEIN MOUSSAVI: Líder do oposicionista Movimento Verde e candidato derrotado à Presidência, teve seu escritório cercado e atacado por diversas vezes por milicianos pró-regime.

MEHDI KARROUBI: O aliado de Moussavi já sofreu tentativas de assassinato, sendo levemente ferido, e teve sua casa atacada a pedradas.

Reações e restrições

ONU: Aprovou em junho a 4ª rodada de sanções econômicas ao país, com novas restrições a empresas ligadas à Guarda Revolucionária e o congelamento de investimentos ligados ao enriquecimento de urânio. Determina ainda que todos os carregamentos de exportação com destino ao país sejam submetidos a uma fiscalização mais rigorosa.

EUA: Sanções unilaterais foram adotadas para pressionar as importações de combustível a Teerã, penalizando bancos estrangeiros e empresas que fizerem negócios com a república islâmica, além de estender a lista negra de empresas e pessoas ligadas ao regime.

UE: Suspenderam investimentos no setor de gás e petróleo, aumentaram a vigilância sobre bancos iranianos e adotaram restrições a voos de carga, além de obrigar os bancos em operação na Europa a notificarem qualquer transação superior a G 10 mil.

JAPÃO: O premier Naoto Kan congelou bens de 88 instituições, 15 bancos e 25 indivíduos iranianos.

CANADÁ: Proibiu transações com determinados indivíduos e entidades, além de exportações de armas.

Fonte: O Globo, Rio de Janeiro, 30 set. 2010, Economia, p. 38.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais